

NOTAS SOBRE A DUALIDADE DE CARÁTER NO CONTO “O NEGRO BONIFÁCIO”, DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

João Claudio Arendt¹

Hellen Carla dos Santos Cesário²

Resumo: O presente ensaio debruça-se sobre a análise do conto “O Negro Bonifácio”, um dos textos mais impactantes presentes na obra *Contos gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, publicada em 1912. Dividido em duas seções principais, a primeira procura situar brevemente a produção do autor no sistema literário brasileiro, especialmente na vertente regionalista, surgida durante o Romantismo pela mão de José de Alencar. A segunda seção recai sobre as personagens Negro Bonifácio e Tudinha, que revelam, ao longo do enredo, uma inquietante dualidade de caráter: enquanto aquele reúne, ambigualmente, atributos positivos e negativos do gaúcho, esta revela, sob a aparência bela e frágil, o horror da violência passional. O recorte temático da dualidade de caráter embasa-se na ideia de Antonio Candido (1987) de que a literatura possui uma função humanizadora, ao colocar o leitor em contato com o bem e o mal que são intrínsecos ao ser humano. O aporte crítico sobre a obra simoniana advém, especialmente, de Augusto Meyer (1943) e Flávio Loureiro Chaves (2001).

Palavras-chave: Simões Lopes Neto; “O Negro Bonifácio”; dualidade de caráter.

NOTES ON THE DUALITY OF CHARACTER IN THE SHORT STORY “O NEGRO BONIFÁCIO”, BY JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Abstract: This essay focuses the short story “O Negro Bonifácio”, one of the most impactful texts present in the work *Contos gauchescos*, by João Simões Lopes Neto, published in 1912. Divided into two main sections, the first seeks to briefly situate the author’s production in the Brazilian literary system, especially in the regionalist aspect, which emerged during Romanticism by José de Alencar. The second section focuses on the characters Negro Bonifácio and Tudinha, who reveal, throughout the plot, a disturbing duality of character: while the former ambiguously brings together positive and negative attributes of the gaúcho, the latter reveals, beneath the beautiful and fragile appearance, the horror of passionate violence. The thematic focus of character duality is based on Antonio Candido’s (1987) idea that literature has a humanizing function,

1 Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Centro de Ciências Humanas e Naturais; Programa de Pós-Graduação em Letras – Vitória – ES – Brasil; Universidade Federal do Rio Grande - FURG; Instituto de Letras e Artes; Programa de Pós-Graduação em Letras – RS – Brasil. E-mail: joaoarendt@gmail.com

2 Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Vitória – ES – Brasil; Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). E-mail: hellen-css@hotmail.com

by putting the reader in contact with the good and evil that are intrinsic to the human being. The critical contribution to Simões Lopes work comes, especially, from Augusto Meyer (1943) and Flávio Loureiro Chaves (2001).

Keywords: Simões Lopes Neto; “O Negro Bonifácio”; duality of character.

Antes de iniciar estas notas sobre a dualidade de caráter das personagens principais do conto “O Negro Bonifácio”, são necessários dois esclarecimentos importantes:

1. Embora a fortuna crítica de Simões Lopes Neto seja extensa, há dois trabalhos que (sem o desmerecimento dos demais estudos) podem ser apontados como fundamentais para a compreensão da obra simoniana, a partir da década de 1940. Um deles, intitulado *Prosa dos pagos*, da autoria de Augusto Meyer, foi publicado pela editora Globo de Porto Alegre, em 1943. O segundo texto, da autoria de Flávio Loureiro Chaves, surgiu em 1982, como resultado de sua tese de doutoramento pela Universidade de São Paulo: trata-se da obra *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982). Adverte-se que a leitura efetuada por esses dois autores estará, algumas vezes, implícita nestas notas sobre o conto analisado.

2. O conto “O negro Bonifácio” integra o volume de *Contos gauchescos*, publicado em 1912, pela Livraria Universal de Pelotas. Aparece como o segundo, entre os 18 contos que compõem a obra. O texto tem como narrador o vaqueiro Blau Nunes, considerado, na página de apresentação, um dos últimos porta-vozes da história sul-riograndense

Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco (Neto, 1976, p. 4).

São suas, portanto, a condução dos acontecimentos, bem como a emissão de juízos valorativos, dentro do universo narrado, sobre a conduta das personagens que participam do enredo.

O lugar da obra de Simões Lopes Neto na literatura brasileira

Apesar de figurar na quase totalidade das obras de historiografia literária publicadas a partir da segunda metade do século XX, João Simões Lopes Neto ainda ocupa um lugar desconfortável no sistema literário brasileiro. Celebrado pela crítica e pela historiografia sul-riograndenses, é praticamente desconhecido fora do território gaúcho. Falecido em 1915, publicou, em vida, apenas três livros pela Livraria Universal, de Pelotas: *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913). Em 1952, pela mão do biógrafo Carlos Reverbel, veio a público a primeira edição póstuma de *Casos do Romualdo* pela editora Globo, situada à época em Porto Alegre.

O estudo da fortuna crítica do autor (Arendt, 2004) revela pelo menos dois aspectos responsáveis pela recepção tardia e ainda problemática da sua obra. O primeiro diz respeito ao uso de um léxico estritamente regional que dificulta a fruição dos seus textos por leitores não familiarizados com a linguagem campeira do Rio Grande do Sul. Conforme o historiador Guilhermino César (1971, p. 329),

Simões Lopes parece ter desenterrado um léxico perdido de há muito no chão da campanha; pôs na boca do peão coisas esquecidas; ressuscitou termos; expressões e modismos do tempo em que as fronteiras do Sul oscilavam dia a dia, conforme a estrela das armas portuguesas ou castelhanas.

Uma estratégia editorial para tentar sanar os entraves linguísticos é a publicação de suas obras com glossários e notas explicativas de rodapé, fato que aconteceu pela primeira vez

em 1949, quando a editora Globo tomou essa iniciativa.

O segundo aspecto tem relação com as estratégias narrativas adotadas por Simões Lopes Neto. Em um momento literário em que a vertente regionalista ainda estava sob a influência do Naturalismo, do Realismo e do Parnasianismo, o autor introduziu um narrador oriundo da classe trabalhadora rural. O efeito desse recurso, na opinião de Regina Zilberman (1992, p. 54), é o de que, “em vez de ser matéria de uma descrição à distância por um narrador estranho ao ambiente, a paisagem é uma extensão da personalidade do herói ou do sentimento da história, como em ‘Trezentas Onças’”. Nesse sentido, a obra de Simões Lopes Neto destoa de todos os regionalistas da época, tais como Coelho Neto, Afonso Arinos e Alcides Maya. Em uma leitura contrastiva entre Simões Lopes Neto e Coelho Neto, Antonio Candido destaca a dualidade estilística e o estilo esquizofrênico desse último:

O regionalismo de Coelho Neto [...] mostra a dualidade estilística predominante entre os regionalistas, que escreviam como homens cultos, nos momentos de discurso indireto; e procuravam nos momentos de discurso direto reproduzir não apenas o vocabulário e a sintaxe, mas o próprio aspecto fônico da linguagem do homem rústico. Uma espécie de estilo esquizofrênico, puxando o texto para dois lados e mostrando em grau máximo o distanciamento em que se situava o homem da cidade [...] (Candido, 2002, p.88).

No caso de Simões Lopes Neto, esse distanciamento é suprimido, de modo que, como já se afirmou, o mundo narrado emerge pela óptica do peão de estância Blau Nunes e não de um narrador urbano, letrado e elitizado. A inovação narrativa apresentada pelo autor também contribuiu para o seu reconhecimento tardio, no final da década de 1940, após Guimarães Rosa ter publicado *Sagarana* e, na década seguinte, *Grande sertão: veredas*. Especialmente nesse romance, Guimarães Rosa

incorpora técnicas narrativas de Simões Lopes Neto, como o narrador em primeira pessoa (o jagunço Riobaldo), o narratário urbano e a linguagem coloquial. É factível dizer, portanto, que Guimarães Rosa desempenhou um papel importante na quebra do incômodo silêncio que reinava sobre a obra de Simões Lopes Neto. Para ambos os autores, pode ser aplicada a seguinte equação:

[...] o universo do homem rústico é trazido para a esfera do civilizado. O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (Candido, 2002, p.90)

Em síntese, a recepção tardia e ainda problemática de Simões Lopes Neto parece ter suas bases nos dois aspectos explicitados até aqui: o léxico que produz empecilhos para a interação dos leitores com as obras e as inovações narrativas que romperam com a vertente regionalista em voga no início do século XX.

Negro Bonifácio e Tudinha: notas sobre a dualidade de caráter

A trama do conto “O Negro Bonifácio” localiza-se espacialmente na região da Campanha gaúcha, nas cercanias de uma localidade chamada Guarás, provavelmente situada, segundo pesquisa cartográfica, entre Santana do Livramento e Rosário do Sul. De acordo com informações do narrador, infere-se que neste lugar a vida social estrutura-se em torno do latifúndio, já que o capitão Pereirinha, suposto pai da personagem Tudinha, era dono de “mais de não sei quantas léguas de campo de lei, povoado”.³ Desse modo, emerge um tipo

3 Para evitar que o texto fique poluído com as muitas referências ao conto, optamos por não as indicar ao longo da análise. Todas as citações do texto serão, assim, retiradas da seguinte edição: LOPES NETO, João Simões. Contos gauchescos, Lendas do Sul, Casos do

de sociedade que tem na estância, enquanto estabelecimento rural destinado à criação de gado, seu principal ponto de referência econômico e cultural. Destaca-se aí a carreira como atividade de lazer que congrega homens e mulheres, patrões e peões – e que no conto em destaque é essencial para o desenvolvimento do conflito.

As personagens Bonifácio e Tudinha e, em certa medida, Nadico assumem o primeiro plano da narrativa, formando um dos mais surpreendentes triângulos amorosos já representados na literatura do Rio Grande do Sul. Embora o Negro Bonifácio pareça ser o protagonista, pelo fato de o seu nome constar no título do conto, o narrador desvia o foco para Tudinha, fazendo recair sobre ela a atenção e o subsequente espanto do leitor. Nadico surge na trama como o terceiro vértice do triângulo, cabendo-lhe, junto com Tudinha e “outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido”, o papel de antagonista.

Profundamente revelador da complexidade humana é o modo como Simões Lopes, pela boca de Blau Nunes, caracteriza Bonifácio e Tudinha. Trabalhando com dados antitéticos, emergem dualidades surpreendentes. No caso de Bonifácio, são trazidos à tona caracteres que o definem, simultaneamente, como indivíduo bom e mau, embora prevaleça e se confirme, ao longo do texto, a pecha de “maleva”.

E é deste modo que Blau inicia a narração: “...Si o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!”. Num misto de atração e horror, Blau situa Bonifácio em dois polos: o do maleva e o do taura. Ou seja, ao mesmo tempo em que seu caráter pode ser definido como mau (mal-intencionado), ele também possui traços que o colocam à altura do gaúcho mitificado, pois taura, segundo o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, significa “valente, arrojado, destemido, valoroso, forte, guapo, resistente,

enérgico, folgazão, expansivo [...] sempre disposto a tudo”.

Apesar dessa dualidade, Blau admira Bonifácio por suas qualidades positivas. Na sequência da narração, quando o personagem chega ao local da “carreira grande”, ele está bem montado “num bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo”. Sem dúvida, a montaria de Bonifácio inscreve-o entre os indivíduos distintos, mesmo que ele não passe, na narrativa, de um alforriado, há pouco saído da escravidão e agora se encontra na humilde condição de peão de estância. Possuir um cavalo forte e bem cuidado, naquele contexto, agrega valor social ao gaúcho, independentemente da sua condição social e étnica.

Da mesma forma, o traje atesta as qualidades do indivíduo e constitui motivo de admiração por parte de Blau:

De chapéu de aba larga, botado no cocoruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino! (Lopes Neto, 1976, p.10).

A vestimenta de Bonifácio, como se vê, é impecável, desde o chapéu até o tirador de couro. Mas o que mais chama a atenção é o lenço colorado com um nó republicano, que identifica o posicionamento político e ideológico da personagem: a adesão ao ideário farroupilha, de 1835, e seu consequente significado de rebeldia e revolta.

Também as expressões de entusiasmo de Blau, durante a narração, são reveladoras do sentimento de respeito e veneração pela figura extraordinária de Bonifácio: “Eta! Negro pachola!”; “Era um governo, o negro!”; “O negro – era ginetação!”. Enquanto o adjetivo “pachola”

Romualdo. (org. por Ligia Chiappini). Rio de Janeiro: Presença/INL, 1988.

indica uma intenção vaidosa no modo de vestir, o termo “ginetaço” atesta as habilidades do indivíduo com a montaria. Já a expressão “Era um governo, o negro!” confirma o controle, o domínio da personagem sobre si mesma e sobre os outros.

Se, na visão do mundo de Blau, o fato de Bonifácio ser maleva, condenado, excomungado, “perdição pela cachaça e pelo truço e pela taba”, e falar alto e grosso sem olhar para ninguém não desmerece seu caráter, a sua conduta, aliada a uma boa dose de caiporice, será responsável por sua ruína. A chegada ao local da corrida para farrear, jogar e beber, as insistentes provocações a Tudinha, bem como a não-aceitação da derrota do seu cavalo para o de Nadico, são condições favoráveis para o desenlace trágico da narrativa. Na opinião de Augusto Meyer, “o negro Bonifácio ressalta pelo equilíbrio perfeito entre a fúria da ação e a complexidade psicológica. [...] Mas nada teria se dado, se não fosse o desejo de ‘tourear’ a Tudinha, de feri-la e insultar os seus namorados.” (Meyer, 2002, p.147-148)

Entretanto, é a personagem Tudinha que reserva a maior surpresa ao leitor em função da dualidade do seu caráter. Descrita desde o início do conto como “chinoca airosa, lindaça como sol, fresca como uma rosa”, sua conduta no desfecho da narrativa, ao mutilar o corpo do ex-amante, provoca a estupefação do narrador e das demais personagens. Parece inconcebível que de uma criatura tão bela e envolvente tenha se originado um ato com tamanha violência.

Blau constrói e naturaliza os atributos físicos de Tudinha a partir da comparação com elementos oriundos da natureza local: “Alta e delgada, parecia assim um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde”. Ao comparar a personagem com o jerivá (espécie de palmeira existente em diversos pontos do Rio Grande do Sul), o narrador imprime marcas distintas ao seu porte físico: beleza, juventude, vigor, harmonia e encanto.

Já os olhos de Tudinha, segundo Blau, “eram assim a modo de olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos...”. Ao serem comparados com os de um veado (o *cervus coassus nemorivágus*, que é muito ágil e habita capões e capoeiras), os olhos da moça revelam traços da sua personalidade, a qual oscila entre a timidez e a expansividade. Por um processo de associação sinestésica, esses olhos pareciam estar “sempre ouvindo... ouvindo mais, que vendo...”.

O rosto de Tudinha era da cor do pêssego maduro, e “os dentes brancos e lustrosos como dente de cachorro novo; e os lábios da morocha deviam de ser macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju”. Mais uma vez, na perspectiva de Blau, os atributos positivos da moça, completados por pés pequenos, mãos bem torneadas, cabelo cacheado, sobrancelhas finas e nariz alinhado, são comparados ao que de melhor a natureza oferece para a fruição dos sentidos humanos.

Quanto aos aspectos sociais e familiares, Blau supõe que Tudinha seja filha do capitão Pereirinha, já que ela morava com a mãe, “a sia Firmina”, nas terras do estancieiro, e tinha de tudo: “lavoura, boa cacimba, um rodeito manso, cavalo amilhado, só do andar dela, e alguma prata nos preparos”. A suspeita é realçada pela semelhança com a gente do capitão e pelo fato de ele ir às vezes “por lá, sesteiar, tomar um chimarrão”.

Apesar de encantadora aos olhos do narrador, porque reúne os caracteres físicos de uma mulher gaúcha ideal (“uma morena, tão linda”), há na descrição de Tudinha alguns elementos que, desde o início, convergem para o seu desequilíbrio no final da narrativa, tal como o fato de ela ser definida como “a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos”. E aqui o termo “candongueira” remete ao animal ou indivíduo mesquinho, manhoso e esquivo. Da mesma forma, “apesar de arisca, era foliona e embuçalava um cristão, pelo só falar”. O verbo embuçalar, nesse contexto, aproxima-se

de “candongueiro”, já que, derivado do ato de colocar buçal num animal, assume o significado de enganar, iludir, trapacear. Soma-se a isso tudo o fato de a moça trazer mais de quatro homens “pelo beijo”, entre eles Nadico.

Na sequência da narrativa, as três personagens encontram-se na carreira grande, unindo seus destinos de forma trágica e irreversível. Bonifácio, sempre altivo, provoca Tudinha para uma aposta na cancha, em troca de uma libra de doces, caso o cavalo tordilho (de Nadico) vencesse. E fizeram a partida: “largaram; correram: ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho”. De acordo com Blau, a corrida foi justa, sem trapaça e, desse modo, todos foram tomar um vinho oferecido pelos donos da carreira.

Entretanto, e “é assim que o diabo as arma”, Bonifácio não se dá por vencido e resolve acertar sua dívida com Tudinha: “havia perdido, pagava...”. É neste momento que a trama passa a assumir contornos mais amplos, desbordando os limites de uma simples intriga amorosa geograficamente localizada num bolicho nos confins da Campanha. A reação de Bonifácio à negativa de Tudinha para receber os doces (“– Faz favor de entregar à mamãe, sim?!”), faz irromper um desequilíbrio irrevogável. Se o conflito já parecia solucionado e todos se divertiam tomando vinho e fazendo caçoadas, o despeito e o ciúme passional conduzem os acontecimentos a um outro desfecho.

Nadico intervém em favor de Tudinha e, a partir daí, “vinte ferros faisaram”: todos que tinham alguma desavença com Bonifácio entram na batalha. Segundo Blau, protegido por forças sobrenaturais, “obra d’alguma oração forte”, Bonifácio ataca, defende-se e resiste aos golpes adversários, de modo que “o chão ficou estivado de gente estropiada, espirrando a sangueira naquele reduto”. Dentre esses, Nadico e sua Fermina foram trucidados pela fúria de Bonifácio: o primeiro teve o ventre aberto pela lâmina habilmente manejada; e a velha foi atravessada no facão “até o esse”. Bonifácio, por

sua vez, tinha o rosto, os braços, a camisa e as pernas com “mais lanhos que a picanha de um reiúno empacador”.

Porém, atingido por boleadeiras no tampo da cabeça e no costilhar, Bonifácio cai “como boi desnucado” e agoniza no estertor da morte. A partir daí, revela-se a dualidade de Tudinha que, “picada, agoniada da desfeita que só ela e o negro entendiam bem”, emerge, finalmente, para o primeiro plano dos acontecimentos:

A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Fermina estrebuchando, a morocha mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada – bonita, sempre! – ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, bateu no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco – vancê compreende?... – e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer estraçalhar uma cousa nojenta... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!...” (Neto, 1976, p. 12).

Como já se afirmou, se Bonifácio revela sua dualidade no aspecto físico e nas atitudes de macho dominador, provocando a admiração e o espanto de Blau Nunes, algo semelhante pode ser inferido em relação à Tudinha. Parece incompreensível aos olhos do narrador que a moça assuma a atitude bárbara de retalhar o corpo do ex-amante, especialmente o seu órgão sexual: “Mas o resto que ela fez no corpo do negro? Foi como um perdão pedido ao Nadico ou um despique tomado da outra, da pinguanha beijuda?”. Desse comportamento inusitado, Blau conclui que, independentemente de serem estancieiras ou peonas, as mulheres são todas iguais: “Tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!...”. Os termos “caborteiro” e “sorro” (guaraxaim), como outros já analisados, imprimem um sentido negativo

à conduta humana feminina, isto é, a mulher velhaca, manhosa, má, trapaceira, mentirosa.

Para Flávio Loureiro Chaves, no caso específico de Tudinha,

[...] a transferência de atributos zoológicos denuncia uma personagem que vem a ser, ela própria, metáfora da devastação, do absurdo, da parte irracional da vida [...] um ser indefinível e superior, dotado de uma força incontrolável, porque escapa a toda tentativa de dominação mediante suas múltiplas metamorfoses” (Chaves, 2001, p.130-131).

Apesar dos preconceitos de gênero e de raça emitidos pelo texto analisado,⁴ quiçá justificáveis pelo fato de advirem da narração do humilde peão-de-estância Blau Nunes, que se encontra no mesmo patamar social das personagens do conto, Negro Bonifácio e Tudinha inscrevem-se na memória coletiva como protagonistas de um enlace amoroso, em que o ciúme, seguido pela violência passional e pela mutilação física, ultrapassa as raias do entendimento humano.

E aqui é pertinente invocar Antonio Candido, quando ele afirma, em *Literatura e subdesenvolvimento* (1987), que a arte, em especial a literatura, possui uma função humanizadora, ou seja, que ela tem o poder de confirmar a humanidade do ser humano. Mas o sentido humanizador a que o autor se refere não é, obviamente, a tarefa de propalar a vitória do bem sobre o mal, porque dessa maneira a arte assumiria um viés estreito, meramente pedagogizante, e perderia sua

⁴ Embora não seja possível afirmar que Simões Lopes Neto produza uma literatura de teor racista, a escolha de Blau como narrador onisciente traz à tona uma série de estereótipos que permeiam o conto “O Negro Bonifácio”. A caracterização de Bonifácio e a forma como sua história é contada reforçam visões reducionistas sobre a figura do negro na sociedade, limitando-o a traços que se alinham a preconceitos raciais. Assim, mesmo que a intenção do autor não seja explicitamente racista, a narrativa acaba por perpetuar estigmas que ainda ressoam na literatura e na cultura contemporânea, evidenciando a necessidade de uma leitura crítica que questione as representações raciais na obra.

essência artística, seu senso crítico, seu espírito libertário. Humanizar, segundo Candido, é fazer o leitor viver, por um processo de sublimação, a experiência do bem e do mal.

Conclusão

Diante do exposto, pode-se concluir que Bonifácio e Tudinha, oriundos do contexto histórico da atividade pastoril do século XIX, contribuem para a reflexão sobre a realidade humana e social, porque carregam consigo, intrínseco, o germen do bem e do mal. Além disso, se concordarmos com Candido que a literatura humaniza porque possibilita ao leitor viver pela ficção situações parecidas com as do mundo social, então ela pode proporcionar, sim, algum tipo de ensinamento e levá-lo a sua relativização ou à antecipação das suas consequências. No caso do conto em estudo, cabe ao leitor a tarefa de aprender com as personagens que as atitudes passionais, embora constituam um excelente condimento para nossa existência monótona, podem desestabilizar completamente o indivíduo, quando a elas se subordinam todas as vontades. E foi isto, em síntese, o que aconteceu com Bonifácio e Tudinha: a *passio* (paixão), que exalta os ânimos, transformou-se em furor incontrolável, fatalmente levando-os à ruína.

A grandeza do texto simoniano reside, enfim, nessa possibilidade de reflexão sobre a natureza humana – sempre incompreensível, porque múltipla, diversa, contraditória. Essa complexidade manifesta-se nas escolhas e nas paixões das personagens, que, ao enfrentarem suas próprias limitações e dilemas, revelam-nos facetas da condição humana que muitas vezes ignoramos. Através de Bonifácio e Tudinha, somos levados a confrontar não apenas as consequências de suas decisões, mas também as nossas próprias fragilidades e anseios. Desse modo, a obra de Simões Lopes Neto torna-se um convite à introspecção, possibilitando, assim, que o leitor reconheça em si mesmo os reflexos das lutas e esperanças que permeiam a

existência. A literatura, portanto, não apenas espelha a realidade, mas também nos desafia a entender a complexidade da vida, mostrando que, em cada escolha, reside a potencialidade tanto para a ruína quanto para a redenção.

Referências

ARENDDT, João Claudio. *Histórias de um Bruxo Velho: ensaios sobre Simões Lopes Neto*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: CANDIDO, Antonio. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 140-162.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. In: *Textos de Intervenção*, São Paulo: Duas Cidades, 2002, p. 87-90.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto*. 2.ed., Porto Alegre: IEL/Ed. Da Universidade, 2001.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos, Lendas do Sul, Casos do Romualdo*. (org. por Ligia Chiappini). Rio de Janeiro: Presença/INL, 1988.

MEYER, Augusto. *Prosa dos pagos (1941-1959)*. Porto Alegre: IEL/CORAG, 2002.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Submissão: agosto de 2024

Aceite: abril de 2025